

RICHARD FORD

CANADÁ

Tradução de Francisco Agarez

1

Contarei em primeiro lugar a história do assalto à mão armada que os nossos pais cometeram. Depois a dos homicídios, que aconteceram mais tarde. O assalto é a parte mais importante, uma vez que traçou o rumo que a minha vida e a da minha irmã acabariam por seguir. Nada faria total sentido se não a contasse primeiro.

Os nossos pais eram as duas pessoas no mundo de quem menos se esperaria que assaltassem um banco. Não eram pessoas estranhas nem, evidentemente, criminosos. Ninguém pensaria que estivessem destinados a acabar como acabaram. Eram apenas normais – se bem que, naturalmente, esse tipo de raciocínio tenha perdido toda e qualquer validade no momento em que assaltaram um banco.

O meu pai, Bev Parsons, era um rapaz do campo, nascido no condado de Marengo, Alabama, em 1923, que concluiu o liceu em 1939, ardendo de vontade de entrar para o Army Air Corps – o ramo que daria origem à Air Force. Foi incorporado em Demopolis, recebeu instrução em Randolph, perto de San Antonio, ambicionava ser piloto de caça, mas não tinha aptidões e por isso aprendeu a bombardear. Voou nos B-52, nos Mitchells médios-ligeiros em serviço nas Filipinas, e mais tarde sobre Osaka, onde despejaram uma destruição indiscriminada – sobre o inimigo e gente inocente. Era um homem alto e otimista, sorridente no seu metro e oitenta de altura (cabia à justa no compartimento de bombardeador), com uma cara grande, angulosa e confiante, maçãs do rosto salientes e lábios sensuais, e bonitas pestanas femininas. Tinha uns

dentes brancos e brilhantes e um cabelo preto e curto de que se orgulhava – tal como se orgulhava do seu nome, Bev. Capitão Bev Parsons. Nunca admitiu que, para a generalidade das pessoas, Beverly era um nome feminino. Tinha raízes anglo-saxónicas, dizia. «Na Inglaterra são nomes vulgares. Lá, Vivian, Gwen e Shirley são nomes masculinos. Ninguém os confunde com mulheres.» Era um conversador incansável, um espírito aberto para um homem do Sul, e tinha um temperamento cordato e conciliador, que deveria tê-lo levado longe na Força Aérea, mas não levou. Os seus olhos vivos, cor de avelã, perscrutavam qualquer sala em que estivesse, à procura de alguém que lhe desse atenção – normalmente a minha irmã e eu. Contava anedotas velhas no tom histriónico dos sulistas, fazia truques de cartas e de magia, conseguia arrancar o polegar e voltar a pô-lo no sítio, fazer desaparecer um lenço e voltar a aparecer. Sabia tocar *boogie-woogie* ao piano e de vez em quando «falava dixie» para nós ouvirmos, outras vezes imitava a Amos'n'Andy¹. Tinha perdido algum ouvido a voar nos Mitchells, e isso incomodava-o. Mas tinha um porte elegante, com o seu «honesto» corte de cabelo à escovinha e o seu casaco azul de capitão, e transmitia normalmente uma cordialidade que era genuína e fazia com que a minha irmã gémea e eu gostássemos dele. Provavelmente, era também essa a razão pela qual a minha mãe se tinha sentido atraída por ele (se bem que os dois não pudessem ser mais diferentes e menos feitos um para o outro) e infelizmente engravidado no seu único encontro apressado depois de se terem conhecido numa festa em honra dos aviadores regressados, perto de Fort Lewis, onde ele estava a receber instrução para oficial de intendência. Estava-se em março de 1945, e ele já não era preciso para largar bombas. Casaram-se imediatamente quando descobriram. Os pais dela, que viviam em Tacoma e eram judeus imigrados da Polónia, foram contra o casamento. Eram pessoas instruídas, professores de Matemática e músicos semiprofissionais conhecidos pelos concertos que davam em Poznam, que depois de 1918 tinham fugido para o estado de Washington, passando pelo Canadá, e arranjado trabalho – imagine-se – como empregados de

¹ Comédia de situação passada na comunidade negra de Harlem (*N. do T.*)

limpeza numa escola. O facto de serem judeus teve pouca importância para eles na altura, ou pelo menos para a minha mãe – apenas uma conceção de vida antiquada, severa e fechada que de bom grado deitaram para trás das costas numa terra onde aparentemente não havia judeus.

Mas nunca lhes tinha passado pela cabeça que a sua única filha se casasse com um rapaz sorridente e palrador, filho único de um casal de avaliadores de madeiras no interior do Alabama, de origens escocesas e irlandesas, e depressa esqueceram definitivamente o assunto. E embora a esta distância possa parecer que os nossos pais não foram pura e simplesmente feitos um para o outro, estaremos mais próximos da verdade se dissermos que o casamento da nossa mãe com o nosso pai foi para ela o presságio de uma desgraça, e a sua vida mudou para sempre – e não para melhor –, como ela certamente terá pensado.

A minha mãe, Neeva (diminutivo de Geneva) Kamper, era uma mulher pequenina, intensa, que usava óculos e tinha uma cabeleira castanha rebelde, com alguns vestígios de penugem que lhe contornavam a linha do rosto. Tinha umas sobranceiras grossas e uma testa brilhante e de pele fina, na qual se viam as veias à transparência, e uma tez pálida de pessoa recatada, que lhe dava uma aparência frágil – o que não correspondia à verdade. O meu pai costumava dizer por brincadeira que na sua terra, no Alabama, diziam que ela tinha «cabelo de judia» ou «cabelo de imigrante», mas que gostava dele assim e amava-a. (Ela não parecia prestar grande atenção a estas palavras.) Tinha umas mãos pequenas e delicadas cujas unhas trazia sempre arranjadas e envernizadas, de que se orgulhava e com as quais gesticulava distraidamente. Era cética por natureza, escutava-nos com muita atenção quando lhe dirigíamos a palavra e tinha um sentido de humor que chegava a ser mordaz. Usava óculos sem armação, lia poesia francesa, usava frequentemente termos como *cauchemar* ou *trou de cul*, que a minha irmã e eu não compreendíamos. Escrevia poemas a tinta castanha, que encomendava pelo correio, e mantinha um diário que nós não estávamos autorizados a ler, e normalmente tinha uma expressão de perplexidade

astigmática e nariz ligeiramente arrebicado – que nela era autêntica e provavelmente sempre o fora. Antes de se casar com o meu pai e de logo a seguir nos ter dado à luz, à minha irmã e a mim, diplomara-se com dezoito anos pelo Whitman College de Walla Walla, trabalhara numa livraria, possivelmente imaginara-se como boémia e poetisa, e alimentara a esperança de um dia arranjar um emprego como aplicada assistente numa pequena universidade, casada com uma pessoa diferente daquela com quem se casou de facto – talvez um professor universitário, o que lhe permitiria ter a vida para que acreditava estar fadada. Em 1960, ano em que estes factos aconteceram, tinha apenas trinta e quatro anos, mas já tinha «rugos fundas» ao lado do nariz, que era pequeno e rosado na ponta, e os seus olhos verde-cinza, grandes e penetrantes, tinham umas pálpebras escuras que lhe davam um ar estranho e ligeiramente triste e insatisfeito – coisa que ela era de facto. Tinha um pescoço fino e bonito e um sorriso espontâneo e inesperado que lhe revelava os dentes pequenos e uma boca de menina, em forma de coração, embora fosse um sorriso que raramente praticava – a não ser com a minha irmã e comigo. Percebíamos que era uma pessoa de aspeto invulgar, que por norma vestia calças verde-azeitona, blusas largas de algodão e sapatos de lona que devia mandar vir da Costa Oeste, uma vez que não se encontravam coisas daquelas à venda em Great Falls. E ainda parecia mais invulgar quando, relutantemente, estava ao lado do nosso pai, alto, bonito e extrovertido. Se bem que raramente «saíssemos» como família, ou fôssemos comer a restaurantes, pelo que quase não fazíamos ideia do aspeto que eles tinham no mundo exterior, entre estranhos. Aos nossos olhos, a vida em família parecia normal.

A minha irmã e eu compreendíamos facilmente que a minha mãe se tivesse sentido atraída por Bev Parsons: alto, bem constituído, conversador, divertido, sempre desejoso de agradar a quem lhe aparecesse pela frente. Mas nunca foi para nós suficientemente claro por que razão ele se terá interessado por ela – baixinha (pouco mais de um metro e meio), introvertida e tímida, reservada, dada às artes, bonita apenas quando sorria e espirituosa apenas quando se sentia completamente à vontade. Ele deve ter percebido tudo isto, sentido que ela tinha um espírito mais subtil do que o seu, mas que

podia fazê-la feliz, e isso bastava-lhe. Teve o mérito de ver para lá das diferenças físicas e fixar-se no aspeto estritamente humano, coisa que eu admirava, mas a nossa mãe se recusava a reconhecer.

No entanto, a singular união dos seus atributos físicos díspares continua, na minha cabeça, a ser parte da razão pela qual os dois acabaram mal: não há dúvida de que não eram feitos um para o outro e nunca deveriam ter-se casado, nem nada que se parecesse. Deveriam ter seguido cada um o seu caminho depois daquele primeiro encontro apaixonado, fossem quais fossem as consequências. Quanto mais tempo passaram juntos, quanto melhor se foram conhecendo, quanto melhor ela, pelo menos, se apercebeu do erro cometido, mais as vidas de ambos se transviaram – como um longo problema de matemática em que o primeiro cálculo está errado, e a partir daí todos os outros nos afastam mais do ponto em que as coisas fariam sentido. Um sociólogo daquela época – início dos anos sessenta – talvez dissesse que os nossos pais estavam na vanguarda de um momento histórico, entre os primeiros que transgrediram os limites da sociedade, abraçaram a rebelião, acreditaram em credos que preconizavam a ratificação pela via da autodestruição. Mas não. Não eram pessoas destemidas na vanguarda de coisa nenhuma. Eram, como já disse, pessoas normais impelidas pelas circunstâncias e pelos instintos errados, juntamente com a pouca sorte, a ultrapassar os limites que sabiam serem os corretos, e depois se viram incapazes de voltar para trás.

Se bem que haja uma coisa que quero dizer sobre o meu pai: quando regressou do teatro de guerra e do seu papel de agente da morte sibilante caída dos céus – foi em 1945, ano em que a minha irmã e eu nascemos, na base de Wurtsmith, em Oscoda, Michigan – talvez viesse dominado por uma grande e indefinida gravidade, tal como tantos outros soldados. Passou o resto da vida a lutar contra essa gravidade, tentando manter-se positivo e à tona da água, tomando más decisões que por momentos pareciam ótimas, mas no fundo não compreendendo o mundo ao qual tinha regressado e fazendo dessa incompreensão a sua vida. Estou convencido de que o mesmo deve ter acontecido a milhões de rapazes, embora ele nunca tenha percebido ou admitido que fosse esse o seu caso.

2

A nossa família fixou-se em Great Falls, Montana, em 1956, da mesma forma que muitas famílias de militares se fixaram onde se fixaram depois da guerra. Tínhamos vivido em bases aéreas no Mississípi, na Califórnia e no Texas. A mãe tinha o seu diploma e deu aulas de substituição em todos esses lugares. O nosso pai não fora mobilizado para a Coreia, antes lhe tinham atribuído funções administrativas dentro do país, nas forças de abastecimento e compras. Permitiram que ficasse em casa atendendo às condecorações conquistadas em combate, mas não passara de capitão. E a dada altura – o que aconteceu quando estávamos em Great Falls e ele tinha trinta e seis anos – decidiu que a Força Aérea já não lhe garantia grande futuro e, com vinte anos de serviço, o melhor que tinha a fazer era receber a pensão e vir-se embora. Estava convencido de que a falta de interesse pela vida de sociedade da nossa mãe e a sua relutância em convidar pessoas da base para jantar em nossa casa lhe haviam prejudicado a carreira – e é provável que tivesse razão. De facto, penso que se houvesse alguém que ela admirasse, talvez até gostasse de convidar essa pessoa. Mas nunca achou que essa pessoa existisse. «Neste sítio só há vacas e trigo», dizia. De qualquer maneira, penso que o meu pai estava farto da Força Aérea e Great Falls agradava-lhe como lugar onde poderia progredir – mesmo sem ter vida social. Dizia que tinha esperança de ser admitido na maçonaria.

Estava-se então na primavera de 1960. A minha irmã, Berner, e eu tínhamos quinze anos. Frequentávamos a Lewis (de Merriwether Lewis) Junior High, que ficava tão perto do rio Mississípi que

das janelas altas da escola eu via a superfície cintilante do rio e os patos e outras aves que nela se juntavam, e vislumbrava ao longe a estação da linha Chicago, Milwaukee e St. Paul, onde já não paravam comboios de passageiros, e do outro lado o aeroporto municipal de Gore Hill, onde havia dois voos por dia, e para jusante do rio até ao alto-forno e à refinaria de petróleo, por cima das quedas de água que davam o nome à cidade. Viam-se mesmo, em dias de céu limpo, os cumes nevados e nebulosos da frente leste, que ficava a quase cem quilómetros de distância e corria para sul em direção ao Idaho e para norte em direção ao Canadá. A minha irmã e eu nada sabíamos sobre o «Oeste», a não ser o que víamos na TV, nem tão-pouco sobre a América, que aceitávamos sem qualquer reserva como sendo o melhor lugar para se viver. A nossa vida era a família, e fazíamos parte da sua bagagem de mão. E por causa da crescente alienação da nossa mãe, do seu isolamento, do seu complexo de superioridade e do seu desejo de que Berner e eu não assimilássemos a «mentalidade provinciana» que, na sua opinião, asfixiava Great Falls, não tínhamos uma vida igual à da generalidade das crianças, que teria incluído visitas a casa de amigos, a distribuição de jornais porta a porta, os escoteiros e os bailes. Se nos integrássemos, receava a nossa mãe, só aumentaríamos a possibilidade de acabarmos por ficar onde estávamos. Também era verdade que quem, como nós, tinha o pai na base – independentemente do lugar onde vivesse – tinha sempre poucos amigos e raramente conhecia os vizinhos. Fazíamos tudo dentro da base – íamos ao médico, ao dentista, cortávamos o cabelo, fazíamos as compras de supermercado. As pessoas sabiam isso. Sabiam que não íamos ficar muito tempo no mesmo sítio, e por isso não valia a pena darem-se ao trabalho de nos conhecer. A base representava um estigma, como se aquilo que lá se passava não devesse ser do conhecimento das pessoas decentes nem lhes dissesse respeito –, para mais sendo a minha mãe judia e tendo ar de imigrante e alguns modos excêntricos. Era uma coisa de que todos falávamos em casa, como se proteger a América dos seus inimigos não fosse uma coisa decente.

Apesar de tudo gostei de Great Falls, pelo menos a princípio. Era conhecida como «A cidade elétrica» porque as quedas de água produziam energia. Parecia tosca, austera e remota – mas nem por isso

deixava de fazer parte do país imenso em que já tínhamos vivido. Não achava muito bem que as ruas tivessem números em vez de nomes – fazia confusão e, dizia a minha mãe, significava que era uma terra fundada por banqueiros aventos. E, claro, os invernos eram gélidos e intermináveis, o vento rugia do norte como um comboio de mercadorias, e a escassez de luz teria conseguido desmoralizar qualquer pessoa, mesmo as almas mais otimistas.

Mas a verdade é que a Berner e eu nunca nos considerávamos de nenhum lugar em particular. De cada vez que a minha família se mudava para outra terra – para qualquer local distante – e nos instalávamos numa casa arrendada, e o nosso pai vestia o seu uniforme azul passado a ferro e se metia no carro para ir trabalhar numa base aérea qualquer, e a minha mãe começava a dar aulas numa nova escola, Berner e eu tentávamos pensar que, no caso de alguém perguntar, diríamos que eramos dali. A caminho de cada nova escola ensaiávamos um com o outro o que iríamos dizer. «Olá, somos de Biloxi, Mississípi.» «Olá, sou de Oscoda. É lá muito em cima, no Michigan.» «Olá, vivo em Victorville.» Eu tentava aprender o essencial daquilo que os outros rapazes sabiam e falar como eles falavam, captar as expressões de calão, andar pelas ruas como se me sentisse à vontade e ninguém me pudesse apanhar de surpresa. Berner fazia o mesmo. Depois mudávamo-nos para outra terra, e Berner e eu tentávamos outra vez integrar-nos a partir do zero. Crescer assim, eu sei, pode fazer com que nos sintamos excluídos e desorientados, ou então incentivar-nos a sermos maleáveis e adaptáveis – o que a minha mãe reprovava, por não ser assim e acalantar a ideia de um futuro diferente, mais próximo daquele que imaginara antes de conhecer o nosso pai. Nós – a minha irmã e eu – éramos atores secundários num drama que ela via desenrolar-se interminavelmente.

O resultado foi que comecei a interessar-me muito pela *escola*, que era o fio condutor da minha vida, a par dos meus pais e da minha irmã. Nunca queria que a escola acabasse. Passava lá todo o tempo que podia, a estudar os livros que nos mandavam estudar, a cirandar à volta dos professores, a inspirar os odores, que eram iguais em todas e diferentes de quaisquer outros. Saber coisas, fossem elas quais fossem, passou a ser importante para mim. A nossa

mãe sabia coisas e apreciava-as. Eu queria ser como ela nesse aspeto, uma vez que podia guardar o que sabia, e isso iria caracterizar-me como culto e promissor – características que eram importantes para mim. Não me importava de não pertencer a nenhum daqueles lugares, desde que pertencesse às respetivas escolas. Era bom a Inglês, História, Ciências e Matemática – matérias que a minha mãe também dominava. De cada vez que fazíamos as malas e mudávamos de terra, a única coisa que me assustava na mudança era não poder voltar à escola por qualquer razão, ou perder conhecimentos que eram fundamentais para o meu futuro e não podia obter em mais lado nenhum. Ou que a mudança fosse para algum lugar onde não houvesse *nenhuma* escola que eu pudesse frequentar. (Falou-se uma vez em Guam.) O meu receio era acabar por não saber nada, não ter nada que me permitisse distinguir-me dos outros. Tenho a certeza de que era tudo herança da minha mãe, que se sentira injustiçada pela vida. Embora também possa ter acontecido que os nossos pais, enredados na crescente confusão das suas vidas jovens – o facto de não terem nascido um para o outro, de provavelmente já não se desejarem fisicamente como acontecera durante um breve período, de serem cada vez mais simples satélites um do outro e de terem acabado por se hostilizar mutuamente sem disso terem plena consciência –, não nos ofereciam, nem à minha irmã nem a mim, nada a que nos pudéssemos agarrar, que é o que se espera dos pais. Mas culpar os pais das dificuldades da nossa vida também não leva a lado nenhum.